

Contra os cétricos: oposição agostiniana aos acadêmicos como constituição de uma filosofia da religião¹

Against skeptics: augustinian opposition to the academics as constituting a philosophy of religion

Ivan Bilheiro²
ivan.bilheiro@gmail.com

Resumo

Na sua mais antiga obra, o diálogo *Contra Acadêmicos*, Agostinho de Tagaste (354-430) discutiu a posição cética (ceticismo acadêmico) de impossibilidade da verdade. Nesta obra, no entanto, ele começou a estabelecer as bases de sua refutação a tal posição e, através desta reflexão, começou a construir as bases de sua filosofia cristã, porque envolveu-se na refutação do ceticismo em busca de uma afirmação cristã da verdade. O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise da construção da filosofia cristã agostiniana a partir da oposição ao ceticismo.

Palavras chave: Ceticismo. Agostinho. Verdade. Filosofia cristã.

Abstract

In his earliest work, *Contra Acadêmicos*, Augustine of Thagaste (354-430) discussed the skeptical position (academic skepticism) about the impossibility of truth. In this work, however, he began to lay the foundation of his refutation to this position and, through this reflection, began to build the foundation of his Christian philosophy, because he was involved in the refutation of skepticism in search of a Christian affirmation of truth. This paper aims to analyze the construction of the Augustinian Christian Philosophy from the opposition to skepticism.

Keywords: Skepticism. Augustine. Truth. Christian philosophy.

Introdução

O presente texto tem como objetivo abordar a relação entre o pensamento agostiniano e a corrente filosófica do helenismo. Especificamente, pretende-se tratar do desafio cético para Agostinho e o seu enfrentamento de cunho filosófico cristão. A fim de fazer a análise das bases da oposição ao ceticismo *a partir* daquela que é a mais

¹ Texto referente a uma comunicação apresentada na 3ª Semana de Ciência da Religião da UFJF realizada entre os dias 6 e 9 de outubro de 2014.

² Professor de Filosofia e Sociologia. Graduado em História (CES/JF) e Filosofia (UFJF), especialista em Filosofia (UGF) e Ciência da Religião (UFJF). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF (PPCIR/UFJF), área de concentração Filosofia da Religião. Bolsista de Monitoria da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFJF.

antiga obra conhecida de Agostinho, o diálogo *Conta Academicos* (datado de 386), é possível fazer, metodologicamente, um recorte para tratar de um aspecto extrínseco à referida obra, e de um aspecto intrínseco à mesma. Por conseguinte, como é possível notar, *parte-se* do *Contra Academicos*, mas a análise do enfrentamento ao ceticismo não se restringe àquele diálogo. Afinal, como lembra Matthews (2007, p. 30), “[...] Agostinho continuou a responder ao desafio do ceticismo em todas as suas principais obras”. Daí a necessidade de abordar *texto e contexto*.

A avaliação destes dois aspectos relacionados ao mais antigo texto agostiniano permitirá compreender uma das bases de enfrentamento ao *desafio cético* no pensamento do futuro bispo de Hipona: a constituição de uma filosofia cristã, e os conceitos nela envolvidos.

A trajetória de vida de Agostinho é espelhada em suas reflexões registradas nos diversos textos por ele escritos. A obra *Confessiones*, uma proclamação, em forma de confissão (*confiteri*), de toda a sua vida endereçada a Deus, é um ícone da ligação entre o percurso existencial de Agostinho e seu caminho de pensamento. De certa forma, portanto, é possível falar, como Dubreucq (apud Simões, 2012), que o percurso de Agostinho tem por base um *projeto soteriológico* – isto é, a busca da verdade como possibilidade de salvação. Ou, nos termos de Gilson (2010, p. 17), pode-se afirmar que o que inquieta e o que move Agostinho é sua preocupação fundamental com seu destino.

Ainda jovem, Agostinho teve contato com uma obra de Cícero denominada *Hortensius*³. Foi a leitura desta obra que despertou o futuro bispo de Hipona para a Filosofia. Segundo seu próprio relato, o texto ciceroniano, que é uma verdadeira exortação à Filosofia, transformou todo o seu pensamento, colocando-o em busca da sabedoria (Agostinho, 2012, p. 67)⁴. Portanto, a Filosofia agostiniana é circunscrita nesta trajetória de preocupação teleológica.

É preciso notar, ainda, que “[p]ara Agostinho, a questão teleológica constituía a temática dominante da filosofia antiga” (Pastor, 1993, p. 619). E ele se enquadrou neste projeto, a partir do que suas reflexões passam a visar, tal como os filósofos antigos, ao *fim último*, entendido como o *bem supremo*. Tal perspectiva é confirmada na obra *De*

³ Obra ciceroniana perdida, mas que teve grande influência sobre o pensamento de Agostinho. Tratava-se de uma espécie de exortação à Filosofia (cf. Testard, 1958, p. 19-20ss).

⁴ *Confessiones*, III, 4.

Civitate Dei: “Na verdade, para o homem, nenhuma outra razão para filosofar existe senão a de ser feliz. Mas o que o torna feliz é o bem último (*finis boni*). Não há, pois, outra razão para filosofar senão o bem último – e é por isso que se não pode denominar filosófica a tendência que nenhum bem supremo busca” (Agostinho, 2000, p. 1870)⁵.

Desta forma, a construção do pensamento agostiniano se relaciona diretamente, em um projeto eudemônico e/ou soteriológico, com a Verdade. Portanto, enfrentar o desafio do ceticismo é limpar o caminho em direção a ela e, portanto, garantir a possibilidade da vida feliz, que em Agostinho é o encontro com a Verdade. Assim, compreender a forma da elaboração da filosofia cristã agostiniana a partir de seu enfrentamento do problema cético torna-se perspectiva enriquecedora para o entendimento de todo o projeto filosófico do tagastense.

1 Um aspecto intrínseco ao *Contra Academicos*: a questão filosófica

O primeiro elemento passível de análise é a forma da abordagem da posição cética na obra *Contra Academicos*. Especificamente, pretende-se avaliar a forma propriamente filosófica a partir da qual o filósofo Agostinho de Tagaste busca se opor à postura cética de impossibilidade de acesso à Verdade.

Em sua estruturação própria, o *Contra Academicos* apresenta, especialmente em seu Livro III, um esforço de desarticulação dos argumentos céticos encaminhado de forma lógica. Este ponto confere ao diálogo um cunho filosófico marcante, porque aborda o problema epistemológico da possibilidade da Verdade e, através do exercício da razão, busca desarticular a afirmação cético-acadêmica de que a Verdade é impossível para o homem.

O ceticismo surgiu como uma *posição* ou *postura filosófica* em meio aos discursos das diversas escolas filosóficas do período do helenismo. Estas escolas, perdidas em meio à severa mudança sócio-cultural e política operada pelo domínio macedônico da Grécia, desligaram-se da problemática política e, voltando-se para o

⁵ *De Civitate Dei*, XIX, I.

homem, passaram a perguntar (e, por conseguinte, a pensar um caminho) para a *eudaimonia*, termo usualmente traduzido como *felicidade*⁶:

A filosofia do helenismo é fortemente marcada por uma preocupação central com a ética, entendida em um sentido prático como o estabelecimento de regras do bem viver, da “arte de viver”. [...] Com o fim da pólis grega [...] o homem grego teria perdido sua principal referência ético-política, a vida na comunidade a que pertencia como cidadão [...]. Além disso, a criação de reinos e impérios, onde o poder é fortemente centralizado [...] provoca uma grande redução da participação política do cidadão. [...] [Nesta situação] o homem sentia-se desenraizado, perdia sua referência social básica que era a pólis, necessitando portanto de uma ética com forte conteúdo prático e que lhe desse novas referências quanto a regras de conduta, apontando um caminho para a busca de uma felicidade pessoal nesse novo contexto pluralista e multicultural (Marcondes, 2007, p. 87).

Tal como primeiramente *praticado* por Pirro de Élide (c. 360 a.C. – c. 270 a.C.), então, o ceticismo não se constituiu uma escola filosófica, mas um *modo de vida*. Pirro duvidava da possibilidade de o homem afirmar a Verdade das coisas e, portanto, ele deveria viver segundo o *fenômeno* (o que lhe aparece) – daí a continuidade da tradição pirrônica sob o critério do *fenomenismo*. Não dogmatizar era a base para a *ataraxia* pretendida pelo cético, isto é, a tranquilidade da alma – coincidente, naturalmente, com a noção de *eudaimonia* buscada pelas correntes filosóficas do helenismo.

É preciso observar, não obstante, que a perspectiva *teleológica* visando a *eudaimonia*, embora tenha recebido destaque com a filosofia helenística, não era novidade no pensamento antigo. O mais marcante caso é o de Aristóteles, para quem a felicidade constituía o fim do homem.

Mas Agostinho não teve contato com esta corrente filosófica cética tal como iniciada por Pirro de Élide no período do helenismo. O filósofo de Tagaste tinha para si, através da leitura de Cícero, especialmente sua obra *Academica*, a concepção cética da Nova Academia. A postura filosófica dos *escolarcas*, a partir de Arcesilau de Pitane (c. 316 a.C. – c. 241 a.C.), foi a de afirmar a *impossibilidade do homem de encontrar a verdade*. E é a esta tese que Agostinho vai se opor.

Existe certa discussão sobre o fato de a Academia cética ter desenvolvido, na verdade, um ceticismo exotérico a fim de proteger um dogmatismo platônico esotérico,

⁶ De acordo com Spinelli, outras traduções para o termo grego *eudaimonia* acarretariam em problemas semelhantes àqueles postos pela tradução por *felicidade*. Assim, apesar de sua imprecisão, parece ser aceita entre os estudiosos a permanência desta tradução (Spinelli, 2005).

e inclusive Agostinho chega a fazer eco a esta questão⁷. Porém, as fontes históricas impossibilitam qualquer afirmação que corrobore tal diagnóstico. No entanto, tal como fica estabelecido no *Contra Academicos*, a problemática colocada pelos filósofos da Nova Academia não é uma mera questão de palavras⁸ e exige atenção e reflexão filosófica detida⁹. Esta é a postura de Agostinho e um dos motivos pelos quais ele se entrega à discussão acerca da afirmação acadêmica de impossibilidade de alcance da verdade.

A referência ao ceticismo de linha pirrônica é válida, não obstante, porque com Agostinho o ceticismo acadêmico passa a ser entendido em uma linha relativamente próxima àquele, porque o filósofo coloca a questão afirmada pelos acadêmicos como algo ligado à experiência de vida, e não simplesmente uma questão epistêmica. Em outros termos, Agostinho toma o ceticismo acadêmico a partir de seus efeitos para a vida comum. Ele vê este ceticismo no campo da experiência (Dumont, 2013).

De maneira geral, então, será feita a exposição das características básicas de dois dos elementos da contra-argumentação agostiniana em relação às posições céticas – porque, nesta exposição, é impossível abordá-las todas e detalhadamente. São eles: (I) a evidência das percepções e (II) a evidência das verdades lógicas.

1.1 A afirmação da evidência das percepções no *Contra Academicos*

No *Contra Academicos*, há um tópico acerca dos erros dos sentidos, bastante caro aos céticos¹⁰. Contra tal argumento, Agostinho afirma que o *ato da percepção* é fato incontestável: ainda que me engane, através de meus sentidos, sobre o mundo que me cerca, é inegável o fato de eu estar percebendo algo que penso ser o mundo. A percepção mesma, embora possa se enganar sobre seu conteúdo, não pode ser refutada em si:

Nunca os vossos raciocínios [argumentos dos céticos acadêmicos] puderam enfraquecer a força do testemunho dos sentidos a ponto de convercer-nos que nada nos aparece e jamais ousastes tentar fazê-lo. Mas empenhastes-vos em persuadir-nos que uma coisa pode ser diferente do que parece. [...]

⁷ *C. Acad.*, III, 17, 37ss.

⁸ *C. Acad.*, II, 11, 26.

⁹ *C. Acad.*, II, 10, 24.

¹⁰ *C. Acad.*, III, 11, 24ss.

Dizeis, efetivamente, que o falso pode parecer aos sentidos como verdadeiro, mas não negais o fato de parecer (AGOSTINHO, 2008b, p. 124)¹¹.

Como é possível perceber, a afirmação da evidência da percepção garante um aspecto sobre o qual o ceticismo não pode avançar em sua negativa à verdade: a percepção tem garantia subjetiva inelutável.

É interessante notar como essa parte da refutação agostiniana ao ceticismo acadêmico se aproxima – curiosamente – da estrutura do ceticismo pirrônico: para aqueles céticos, o critério de ação é o *fenômeno*, isto é, o que aparece. Os pirrônicos também se viam na impossibilidade de afirmar algo sobre o *ser*, e por isso suspendiam seu juízo, vivendo em conformidade com aquilo que lhes aparecia, evitando qualquer tipo de dogmatização.

1.2 A afirmação da evidência das verdades lógicas no *Contra Academicos*

Outro campo caro aos céticos que também é trabalhado por Agostinho é o da Lógica. O filósofo de Tagaste recorre a ela para afirmar algumas verdades evidentes por si. Interessante a abordagem feita em outra obra produzida no Período de Cassiciaco (o mesmo em que foi produzida a obra aqui analisada), *De Ordine*, sobre as potencialidades da Lógica, chamada de Dialética, a “disciplina das disciplinas”:

Esta proporciona a metodologia para ensinar e aprender; por ela a própria razão se mostra e se revela o que é, o que deseja, o que pode. Dá certeza ao saber; somente ela não apenas quer, mas também pode fazer com que tenhamos conhecimentos (AGOSTINHO, 2008a, p. 237)¹².

Os conhecimentos adquiridos por Agostinho através da Lógica são aqueles baseados em proposições condicionais, proposições baseadas no princípio da não contradição, e em proposições disjuntivas que contêm seu oposto contraditório. Exemplificando, Agostinho elenca algumas afirmativas:

[...] se há quatro elementos no mundo, não são cinco, se há um sol, não há dois, uma mesma alma não pode ao mesmo tempo morrer e ser imortal, um homem não pode ser ao mesmo tempo feliz e infeliz; aqui não é ao mesmo

¹¹ *C. Acad.*, III, 11, 24.

¹² *De Ordine*, II, 13, 38.

tempo dia e noite. No mesmo momento ou estamos acordados ou dormindo; o que creio ver ou é um corpo ou não é um corpo. Estas e outras coisas [...] foi pela dialética que aprendi serem verdadeiras, qualquer que seja o estado dos nossos sentidos, verdadeiras em si mesmas. Ela me ensinou que, se for admitida a antecedente nas proposições que citei, segue-se necessariamente a conseqüente [sic]. Quanto às que enumerei em forma de oposição ou disjunção, elas são de tal natureza que, quanto se nega uma ou várias delas, a que resta é estabelecida pela negação das outras (AGOSTINHO, 2008b, p. 129-130)¹³.

Desta forma, afirmam-se verdades lógicas a partir da análise de algumas proposições até relativamente simples. O que interessa a Agostinho é que o raciocínio lógico puro garante o acesso a algumas verdades incontestes.

1.3 Elementos filosóficos da posição agostiniana

A exposição, ainda que breve, destes pontos da refutação agostiniana do ceticismo, permitem vislumbrar como o problema filosófico da questão da verdade começou a ser tratado por Agostinho no *Contra Academicos*. Pode-se perceber que, com a postura adotada, o filósofo de Tagaste consegue livrar o caminho de investigação filosófica dos obstáculos interpostos pelo ceticismo. Limpar o caminho em direção à verdade é o passo principal desta obra ora analisada. A afirmação da evidência da percepção como verdadeira e das verdades lógicas já impede o entendimento cético da verdade como impossibilitada ao homem.

No entanto, a afirmação destas verdades mais específicas não satisfaz a Agostinho. Ele visava, em sua busca, como afirmado anteriormente, a Verdade maior, aquela capaz de garantir a vida plena, de satisfazer o homem. A busca pela Verdade em Agostinho é de cunho eudemônico e soteriológico: alcançar a Verdade nas questões espirituais, para além das coisas sensíveis, permite a plenitude do homem e sua salvação. Portanto, é preciso avançar: estando limpo o caminho, é preciso encontrar e ligar-se à Verdade.

2 Um aspecto extrínseco ao *Contra Academicos*: a religião cristã

¹³ C. Acad., III, 13, 29.

Quando elaborou o *Contra Academicos*, Agostinho estava em uma propriedade de um amigo, na região de Cassiciáco, próximo a Milão. Esteve lá entre sua conversão e seu batismo, um período de cerca de nove meses. Portanto, o *retiro de Cassiciáco* foi o período de preparação de Agostinho para adentrar formalmente a religião cristã. Não é demais notar, contudo, que apesar de sua recente conversão, Agostinho se dizia profundamente marcado, desde a infância, pela religião cristã. Chega a dizer, nas *Confessiones*, que a sorveu junto com o leite materno¹⁴.

Por conseguinte, toda a elaboração filosófica do período de Cassiciáco, início da produção agostiniana, está marcada pela religião. O próprio retiro, diz Clodovis Boff, tinha um caráter de vida monástica: oração, trabalho, estudo, leitura da Bíblia, etc (2009, p. 18).

Como chegou a tal situação? Agostinho teve, quando jovem, contato com a obra ciceroniana denominada *Hortensius*¹⁵, a qual, como supracitado, é uma exortação à filosofia, e esta foi a responsável por levar o futuro bispo de Hipona à investigação filosófica. Segundo seu próprio relato, o texto de Cícero transformou todo o seu pensamento, colocando-o em busca da sabedoria. Mas Agostinho, ainda segundo o registro das *Confessiones*, sentiu a ausência do nome de Cristo. Por isso, entregou-se à leitura das Sagradas Escrituras, buscando ali a verdade para a qual fora impelido pela exortação ciceroniana. Ocorreu então uma decepção com aqueles textos, tanto no aspecto estilístico, quanto na resposta ao desejo *racional* de verdade com o qual Agostinho os abordou.

Foi então que aconteceu o encontro com a seita dos maniqueus, com a qual Agostinho permaneceu ligado por nove anos, até que seus questionamentos e seus estudos o levaram a romper com a seita, porque sua alardeada possibilidade de garantir uma verdade puramente racional não se cumprira. Isso o levou a uma aproximação com o ceticismo – experiência sobre a qual, infelizmente, não há tempo de tratar aqui. A saída do estado de *desesperatio veri* (desespero de encontrar a Verdade) se deu por dois fatores principais: a influência de Ambrósio de Milão e a leitura dos *libri platoniorum* (“livros platônicos”).

De um lado, a interpretação alegórica de Ambrósio sobre as Sagradas Escrituras possibilitou a Agostinho a descoberta da espiritualidade de Deus, rompendo com o

¹⁴ *Conf.*, III, 4, 8.

¹⁵ Obra perdida.

ranço materialista que ainda o marcava. Por outro lado, o platonismo influenciou o filósofo na compreensão de uma realidade inteligível superior ao sensível. Assim, foram estabelecidas as bases da conversão agostiniana ao cristianismo, e é neste âmbito que se deu a produção do *Contra Academicos*.

3 Uma síntese: o projeto da filosofia cristã

A análise dos dois elementos precedentes, um intrínseco e outro extrínseco à obra *Contra Academicos*, permite compreender a importância desta obra na trajetória da elaboração de uma filosofia cristã. É a partir dali que começa a ser estabelecido o projeto de construção de tal filosofia. Todo o desenvolvimento subsequente do pensamento do futuro doutor da Igreja será marcado, inelutavelmente, pelas bases que aí foram esboçadas.

Agostinho foi à Filosofia através da leitura do livro de Cícero, o *Hortensius*. Com o Platonismo concebeu uma realidade espiritual superior à realidade material. Com Ambrósio, concebeu um Deus espiritual e venceu o materialismo maniqueísta. Em sua busca pela Verdade, combateu o Ceticismo – etapa inicial de sua trajetória investigativa e cujo ícone é o escrito *Contra Academicos*. Assim, foi capaz de livrar o caminho para a busca racional de Deus, partindo da sua aceitação pela fé – o primeiro passo. A Filosofia é o amor à sabedoria, dizia Cícero. Mas a sabedoria é a verdade, e encontrar a verdade é a única possibilidade de o homem ser feliz (ou atingir a beatitude). Mas a verdade e a sabedoria, afirma o cristianismo, nada mais são do que o próprio Deus, que se manifestou na realidade material através de Cristo.

Por fim, então, pode-se afirmar que a Filosofia agostiniana se constitui como uma Filosofia Cristã: todo o seu objetivo é a busca de Deus. Só a aceitação da Verdade revelada, então, permite enfrentar o ceticismo e sair da *desesperatio veri*. Desta forma, a base do enfrentamento do ceticismo, em Agostinho, é a própria elaboração do projeto de filosofia cristã.

Considerações finais

O que se buscou apresentar neste texto foi, basicamente, como a obra *Contra Academicos* serve ao propósito de enfrentar o ceticismo e como esse enfrentamento é importante para Agostinho, de tal forma que, em função dele, são estruturadas as bases da sua filosofia cristã. Retomando as palavras de Tillich:

A heróica tentativa grega de construir um mundo baseado na razão filosófica se acabava catastróficamente no ceticismo. A tentativa de criar um mundo novo, em termos da doutrina das essências, fracassou. É a partir daí que se deve entender a nova ênfase na revelação. O ceticismo, fim da filosofia grega, foi o pressuposto negativo da maneira como o cristianismo veio a receber a ideia [sic] de revelação (2007, p. 121).

Pode-se notar que é a partir do enfrentamento do desafio cético que a Filosofia se abre à Verdade revelada, e passa a ser possível o projeto da Filosofia Cristã, como a busca soteriológica pela Verdade, entendida como o próprio Deus. A plenitude humana passa a ser, portanto, o encontro com o ser divino – eis o projeto dos filósofos antigos, de cunho teleológico em busca da eudaimonia, retomado e reestruturado. A vida feliz (*beata vita*) é a união com Deus, Verdade absoluta. Sendo esta possível, não há mais motivo para temer o *desespero da verdade* a que levava a doutrina cética.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. 26. ed. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2012. (Pensamento Humano).

AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**: livro XVI a XXII. Tradução de J. Dias Pereira. v. III. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

AGOSTINHO, Santo. Contra os acadêmicos. In: _____. **Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre**. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008b. p. 29-147.

AGOSTINHO, Santo. A ordem. In: _____. **Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre**. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008a. p. 149-252.

BOFF, Clodovis. Introdução geral. In: _____. **A regra de Santo Agostinho**. Petrópolis: Vozes, 2009. (Regras comentadas). p. 9-21.

DUMONT, Jean-Paul. **Ceticismo** [Título original: Scepticisme. Publicado na Encyclopaédia Universallis France, 1986, pp. 509-513]. Tradução de Jaimir Conte.

Disponível em: <<http://fil.cfh.ufsc.br/files/2013/04/ceticismo.htm>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de santo Agostinho**. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial/Paulus, 2010.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MATTHEWS, Gareth. **Santo Agostinho: a vida e as idéias de um filósofo adiante de seu tempo**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

PASTOR, Félix-Alexandre. Deus e a felicidade: filosofia e religião em Agostinho de Hipona. **Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte, v. 20, n. 63, p. 617-637, 1993.

SIMÕES, Edilezia Freire. **O critério da Verdade no Contra academicos, de Agostinho**. 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

SPINELLI, Priscilla Tesch. Considerações a respeito da tradução do termo 'Eudaimonia'. In: _____. **A prudência na Ética Nicomaquéia de Aristóteles**. 2005. 197 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. p. 190-193.

TESTARD, Maurice. **Saint Augustin et Cicéron: Cicéron dans la formation et dans l'oeuvre de Saint Augustin**. Paris: Études Augustiniennes, 1958.

TILLICH, Paul. **História do pensamento cristão**. 4. ed. São Paulo: Aste, 2007.